**Comunicação – Partilha vivencial**

**Jornadas de formação permanente - Diocese de Coimbra**

Salão de São Tomás do Seminário Maior de Coimbra

*A atividade formativa, que decorre no Salão de São Tomás do Seminário Maior de Coimbra, vai ao encontro dos “dois primeiros dinamismos do Plano Pastoral Diocesano: O dinamismo de* ***ir ao encontro e o dinamismo do acompanhamento****.”*

A *Evangelii Gaudium* é, sem dúvida, um documento abrangente e programático para a vida eclesial neste período histórico. Uma exortação que traz a marca da colegialidade – não retórica, mas narrada vivencialmente –, da confiança na presença de Deus junto do seu povo e da liberdade, diversidade, pluralidade e multiplicidade dos fiéis, que se deixam conduzir pelo Espírito Santo e nele encontram a unidade, sem particularismos nem exclusivismos (cf. n. 131). É o mais longo, claro e coloquial documento do magistério (288 números), intencionalmente programático para este pontificado, para ter consequências importantes a todos os níveis da vida da Igreja. Merece uma atenção privilegiada neste HOJE do mundo e da Igreja (25).

*Quais são as grandes ideias, que ficam de uma leitura da EG?*

1. A experiência da alegria do encontro com Cristo é ponto de partida da missão e, portanto, da motivação do evangelizador… (1;2;9; 264-267): *a alegria do evangelho é a nossa missã*o…

2. A transformação missionária de toda a Igreja: a Igreja é missionária, por natureza: deve tornar-se uma Igreja «em saída» (24; 49). A Igreja deve passar da “da administração” e “autopreservação”, a uma Igreja «em estado de missão»… (EG 25); em que todos os batizados são «discípulos missionários» (119-121). Uma Igreja que sonha chegar a todos, sem exceção (48), e, que por isso, não é o “centro”, mas parte em direção às periferias. A conversão missionária é indispensável e inadiável.

3. A amplitude evangélica da misericórdia de Deus (112-114) deve estar presente em toda a pastoral da Igreja no nosso tempo: «uma mãe de coração aberto» (46-49); «uma Igreja de portas abertas» (47-48), «uma Igreja que não é uma alfândega de controladores da graça, mas uma casa paterna onde há lugar para todos com a sua vida fatigante» (46-49).

4. A Paróquia, não como grupo de eleitos, mas como centro de envio missionário (EG 28)

5. Importância do acompanhamento e dos percursos pessoais na evangelização (169-173)

6. O lugar privilegiado dos pobres (197-201) e a necessidade de “*tocar a carne sofredora de Cristo nos pobres*” (24;270). É clara e insistente a preocupação prioritária pelo homem e pelos mais pobres, que marca agora a «agenda pastoral» da Igreja (48-49, 176 e 198), no contexto da globalização, sobretudo nos capítulos II e IV, com destaque para «A inclusão social dos pobres» (186-216), «O bem comum e a paz social» e «O diálogo social como contributo para a paz (238-258).

7. A aposta na inculturação do Evangelho, muito articulada com a religiosidade popular revalorizada, (122-126), sem confundir uma com a outra. Nem todo o religioso é religiosidade popular... (70). É brilhante a abordagem às culturas urbanas (71-75).

8. Na análise da realidade social em ordem à paz, são «inovadores» os quatro princípios enunciados em ordem ao bem comum e à paz social:

• O tempo é superior ao espaço: dar prioridade ao tempo é ocupar-se com iniciar processos para trabalhar a longo prazo sem a obsessão pelos resultados imediatos. (222-225;

• A unidade prevalece sobre o conflito, fomentando a comunhão nas diferenças. (226-230);

• A realidade é mais importante do que a ideia, tendo como critério a encarnação. (231-233).

• O todo é superior à parte, na tensão entre globalização e localização. Pensar global para um agir local: trabalha-se no que é pequeno, no que está próximo (234-237).

O impacto eclesial e mundial do Papa Francisco não se deve fundamentalmente aos seus discursos e aos seus escritos, que muitos não leram na totalidade, mas aos seus gestos simbólicos (abraçar crianças, beijar pessoas com deficiência, comer com os trabalhadores do Vaticano na cantina, alojar-se fora do palácio apostólico, viajar numa pequena viatura utilitária...) e a algumas das suas imagens e expressões visuais, captadas e compreendidas por todos com grande facilidade. Estas frases, acrescentadas no meio de uma homilia ou de um discurso, têm um grande poder evocativo e mediático; são como a versão moderna das parábolas e imagens que Jesus empregava no seu tempo.

Por isso, em lugar de oferecer uma exposição sistemática e académica do pensamento de Francisco sobre a evangelização, limitar-me-ei a apresentar sete imagens expressivas que, de alguma forma, sintetizam de forma simbólica o mais essencial e novo da sua proposta de evangelização.

***1. Portas abertas (EG 46-47)***

A Igreja não é uma prisão, nem um museu, nem uma fortaleza medieval com muralhas, fossos e ponte levadiça. A Igreja é uma casa de portas abertas e flores nas janelas, que acolhe a todos, venham de onde vierem, e a todos oferece uma mesa com pão e vinho. É um lugar de misericórdia, não um lugar de torturas nem uma alfândega que controla tudo. É uma casa paterna, materna, cujo ícone eclesial é Maria, que nos introduz a Jesus e este nos leva ao Pai. A Igreja reproduz na história o coração da misericórdia do Pai que Jesus, com a sua vida e ensinamento, nos revelou. Uma misericórdia que se comove perante o sofrimento e o pecado dos seus filhos. Se João XXIII disse que com o Concílio Vaticano II a Igreja abria a sua janela para que entrasse um pouco de ar fresco na Igreja, agora Francisco abriu totalmente as portas da Igreja a todos, a cristãos e não cristãos, a matrimónios rompidos, a homossexuais, a agnósticos e não crentes. Todos são bem-vindos.

***2. Sair para a rua (EG 49)***

As portas abertas indicam acolhimento aos que chegam de fora. Mas a Igreja não deve esperar que cheguem de fora às suas portas; tem de sair para a rua, ir às periferias, às fronteiras geográficas e existenciais, ainda que com o risco de ter acidentes. Não é uma Igreja encerrada em si mesma, autorreferencial, preocupada somente com os seus escândalos ou os seus problemas clericais, mas ma Igreja que procura o que está perdido, que sai ao encontro do necessitado, que atravessa os caminhos empoeirados do mundo e escuta o clamor do povo, as suas dificuldades e anseios, como fazia Jesus de Nazaré ao percorrer os caminhos da Galileia ou da Judeia. É uma Igreja em estado de missão – missionária – que calcorreia a fé e quer estar nas encruzilhadas da história e dialogar com a ciência, com as culturas, com as religiões, sem medo, porque sabe que o Espírito de Deus enche o universo e é a causa de toda a novidade. Isto faz com que a Igreja não tenha nostalgia do passado, mas que se abra ao futuro e aos sinais dos tempos, aos novos areópagos. É uma Igreja em saída.

***3. Hospital de campanha(216)***

Em momentos críticos, de guerras, acidentes, epidemias..., os hospitais não se dedicam a fazer análises complicadas nem tratamentos de longa duração, mas a socorrer situações de emergência, em que a vida está em perigo. Também a Igreja tem de socorrer as emergências pessoais e sociais, salvar, curar, suturar, fechar feridas do sofrimento humano, salvar vidas ameaçadas de crianças, mulheres, indígenas, idosos, deficientes, sarar cicatrizes de pessoas que sofrem no seu corpo e no seu espírito. Não era isto que Jesus fazia pelos caminhos da Palestina? Não curava doentes, inclusive ao sábado, dado que a pessoa está acima da lei? Não foi o que fez o bom samaritano?

***4. Igreja dos pobres (197-201)***

O sonho de João XXIII ao começar o Concílio Vaticano II, a opção pelos pobres da Igreja latino-americana em Medellín e Puebla, a afirmação de Bento XVI de que «a opção pelos pobres» está implícita na nossa fé, as afirmações do Documento de Aparecida de que não se pode falar de Deus sem falar dos pobres (n. 393)..., prolongam-se no desejo de Francisco de uma Igreja pobre e para os pobres (197-201)

A evangelização tem uma dimensão social: evangelizar é tornar presente o Reino de Deus, começando pelos prediletos do Senhor, os pobres, hoje reduzidos a seres descartáveis, a multidões consideradas restos.

A opção pelos pobres que estamos a referir não é cultural, nem sociológica, nem política, mas evangélica, bíblica, teológica. Os pobres, a sua piedade religiosa, são um verdadeiro lugar teológico, um lugar onde somos evangelizados.

A Igreja não pode ficar à margem da luta pela justiça; por isso denuncia o atual sistema económico injusto que discrimina e mata o povo pobre. A Igreja não pode permanecer impassível diante de tanta injustiça e sofrimento humano.

O sorriso constante do papa, os seus gestos de ternura, os seus escritos sobre “a alegria do Evangelho” podem parecer-nos uma falsa imagem do bispo de Roma. Mas Francisco denuncia profeticamente os aspetos da nossa sociedade que são contrários ao Evangelho do Reino.

Proclamou um contundente “não “ à economia da exclusão e iniquidade que gera violência; um “não” à economia que se cristaliza em estruturas injustas e que mata; um “não” à globalização da indiferença; um “não “ à idolatria do dinheiro; um “não” a escudar-se em Deus para justificar a violência; um “não” à insensibilidade social que nos anestesia perante o sofrimento; um “não” ao armamentismo. Francisco atualiza o mandamento de não matar e de defender o valor da vida humana, desde o começo até ao fim.

Por trás destes “não” de Francisco desenha-se uma imagem realmente evangélica da Igreja e do mundo; um mundo mais próximo do Reino de Deus. A alegria de Francisco não é uma alegria mundana nem fruto de um temperamento otimista, mas a alegria que brota do Evangelho de Jesus e da força do seu Espirito, a alegria da Igreja dos pobres.

***5. Difundir o odor do Evangelho (38; 163-166)***

Frente a posturas tradicionais, obcecadas pela ortodoxia doutrinal e pelo moralismo da casuística – sobretudo em temas sexuais –, a Igreja deve difundir, antes de tudo, o perfume do Evangelho de Jesus, a alegria da salvação em Cristo, o “kerigma”, isto é, o anúncio da Boa Nova de Jesus, passando pela experiência espiritual do encontro com o Senhor, até à mistagogia. É preciso concentrar-se no essencial do Evangelho, que é o mais belo e atrativo. Falar mais da graça do que da lei, falar mais de Cristo do que da Igreja, mais da Palavra de Deus que do papa. Manter a hierarquia de verdades, a novidade do Evangelho, a alegria da Páscoa.

*“Por exemplo, se um pároco, durante um ano litúrgico, fala dez vezes sobre a temperança e apenas duas ou três vezes sobre a caridade ou sobre a justiça, gera-se uma desproporção, acabando obscurecidas precisamente aquelas virtudes que deveriam estar mais presentes na pregação e na catequese. E o mesmo acontece quando se fala mais da lei que da graça, mais da Igreja que de Jesus Cristo, mais do Papa que da Palavra de Deus” (EG 38).*

***6. Cheirar a ovelha (EG 24;31)***

Diante de posturas clericais de pastores encerrados nos seus gabientes, alienados das pessoas do povo, funcionários que procuram carreirismo ou que estão sempre nos aeroportos, é preciso aproximar-se do povo, «tocar a carne de Cristo» nos pobres, superar todo o clericalismo, mundanismo e patriarcalismo, reformar o próprio papado, recuperar as atitudes de Jesus bom pastor, que procura a ovelha perdida e a carrega sobre os seus ombros. Há que «cheirar a ovelha», a povo, a suor, a pó, a dor e angústia.

***7. Evangelizar com Espírito (EG, cap.V)***

Evangelizar não é uma obrigação pesada, nem algo que devamos realizar de maneira triste ou com ansiedade; também não é uma atividade que se deve realizar com desalento ou impaciência, mas é fruto da alegria do Evangelho que nos impele para uma missão alegre e que conforta. Mas isto supõe uma evangelização com Espírito, o mesmo Espírito que impeliu os apóstolos no Pentecostes, e que alenta e move a Igreja de hoje a prosseguir a missão de Jesus.

A evangelização supõe o encontro com o Senhor ressuscitado, Ele que dá o seu Espírito aos discípulos e converte uma comunidade de apóstolos covardes e tímidos em testemunhas do Evangelho, capazes de dar a vida pelo Senhor Jesus e o Reino. Trata-se de anunciar a Boa Nova não só com palavras, mas com a vida, de confiar na força do Espírito que semeia sementes do Reino onde quer e é fonte de novidade e de vida dentro e fora da Igreja. O Espírito faz-nos conhecer Jesus, constitui-nos como povo de Deus; o Espírito torna presente o Reino, converte-se para os cristãos em alegria no meio do cansaço e do desânimo; é a raiz da nossa esperança pascal. «Não tenhamos caras tristes nem de funeral», mas transmitamos a alegria do Evangelho. Não deixemos que nos roubem a esperança.

**NOVA “SAÍDA” MISSIONÁRIA DA IGREJA**

É a palavra de ordem do Papa Francisco, na Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”:

*«Hoje todos somos chamados a esta nova “saída” missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias, que precisam da luz do Evangelho (EG 20).*

Como transmitir o que não muda, num mundo em mudança? Só mudando. Não o Evangelho que é o mesmo de sempre, mas a atuação pastoral. É o desafio de uma «nova “saída” missionária» da Igreja.

**Conversão pastoral**

1. «A todos exorto a aplicarem, com generosidade e coragem, as orientações deste documento» (EG 33): «Espero que todas as comunidades se esforcem por usar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária que não pode deixar as coisas como estão» (EG 25). «A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cómodo critério pastoral: “Fez-se sempre assim”. Convido todos a serem ousados e criativos, nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respetivas comunidades… «Cada Igreja particular, porção da Igreja Católica sob a guia do seu Bispo, está, também ela, chamada à conversão missionária… Exorto também cada uma das Igrejas particulares a entrar decididamente num processo de discernimento, purificação e reforma (EG 30).

**2. Cultura do Encontro**

«Saiamos, saiamos, para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo – exorta o Santo Padre! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida enlameada, por ter saída pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro» (EG 49), mas uma Igreja que corre «o risco do encontro» (EG 88). «O Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e as suas reivindicações» (AE 88). «A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos, leigos – nesta “arte do acompanhamento”, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf Ex 3,5). Devemos dar ao nosso caminho o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão…» (AE 169). «Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que «é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração, que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual» (AE 171). É nesse sentido que o Papa fala de uma Igreja de «portas abertas», para acolher as pessoas e ir ao encontro das pessoas, qualquer que seja a sua situação. Impõe-se um sério exame de consciência para avaliar a nossa capacidade e prática de acolhimento das pessoas nas paróquias.

**Opção pelos últimos**

3. Na entrevista que deu à revista Civiltà Cattolica, o Papa esclarece a sua proposta: «Vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade.

Vejo a Igreja como um hospital de campanha, depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave, se tem o colesterol ou o nível de açúcar altos. Primeiro, devem-se curar as suas feridas. Depois podemos nos ocupar do restante. Curar as feridas, curar as feridas… e é preciso começar por baixo» (19 de Agosto de 2013).

A “saída” missionária para as periferias implica uma clara “opção preferencial pelos pobres”, na linha do Concílio Vaticano II, como nos recomenda insistentemente o Papa Francisco: «Se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há de chegar a todos, sem exceção. Mas a quem deveria preferir? … Não devem subsistir dúvidas, nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho” (Bento XVI, Aparecida, 2007) e a evangelização, dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino, que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres» (AE 48). «Nem sempre conseguimos manifestar adequadamente a própria beleza do Evangelho, mas há um sinal que nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora» (AE 195). «Sem a opção preferencial pelos pobres, o anúncio do Evangelho (…) corre o risco de não ser compreendido…

Concluindo, recordo as palavras do Papa Francisco aos Bispos de CELAM, aquando da sua viagem a Rio de Janeiro, em julho de 2013, em que contrapõe missão programática e paradigmática: «*A missão paradigmática (…) implica colocar, em chave missionária, a atividade habitual e quotidiana das Igrejas particulares. Isso levará a uma dinâmica de reforma das estruturas eclesiais. A mudança de estruturas (de caducas a novas) não é fruto de um estudo de organização do sistema eclesiástico, de que resultaria uma reorganização estática, mas é consequência da dinâmica de missão. O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações é, precisamente, o espírito missionário». Isto significa que não poderá haver uma conversão pastoral em chave missionária, sem uma autêntica renovação espiritual. Temos de nos deixar guiar e transformar pelo Espírito Santo, que Jesus prometeu enviar e envia, para que possamos ser, realmente, «discípulos missionários», hoje, aqui e agora*.

**Alguns desafios:**

**1. da Pastoral *para (sobre)* a Família à Pastoral *(da)* *com* a Família**

Esta é a primeira dificuldade da pastoral familiar, que tomo como desafio. Passar de uma pastoral *sobre* a família ou *para* a família a uma pastoral *em* família, *com* a família, *da* família, de modo que as famílias se tornem sujeitos ativos da pastoral familiar (cf. AL 200; 287). E são-no, desde logo, pela própria vida familiar, onde se afirma e cresce a família como Igreja doméstica. E são-no, pelo testemunho de santidade quotidiana, vivendo de modo extraordinário as coisas ordinárias. E são-no pela relação de ajuda a outras famílias. E são-no pela colaboração em grupos, associações, movimentos, eclesiais ou sociais ou culturais, que promovam a vida e a família. E convinha mesmo, que começassem a sua “pastoral familiar” em casa, dando este contributo insubstituível, de viver a alegria do amor e assim fazer crescer a família, como primeira célula da Igreja e primeira escola de vida social. Não me apraz nada ver gente que faz da Igreja a sua primeira casa, mas não faz da sua casa a primeira Igreja!

Custa-nos, portanto, ultrapassar esta perspetiva paternalista da pastoral familiar, em que a Igreja toma as famílias como alvo da sua solicitude pastoral e não como protagonistas e “*sujeitos cada vez mais ativos da pastoral familiar*” (AL 200; cf. 287). Colocar as famílias no coração da pastoral familiar é um desafio não fácil. Não é fácil, porque elas próprias se encontram numa encruzilhada de tarefas, horários, problemas, fraturas e feridas, em que sobra pouco espaço e tempo para desenvolver o espírito familiar em casa, qualificar o seu compromisso pastoral na comunidade e valorizar o seu empenho social. E depois, não é fácil envolver as famílias, porque, como refere ironicamente o Papa, “*diz-se, muitas vezes, que a hora dos leigos chegou, mas parece que o relógio parou*” (*Carta ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina*, 19.03.2016). Ainda não nos decidimos seriamente a acreditar e a potenciar a capacidade evangelizadora dos leigos, no seu faro pastoral, na sua insubstituível missão, dentro e fora de portas, na Igreja e no mundo. Precisamos de acreditar na força profética do testemunho das famílias, em que todos, crianças e adultos, são capazes de profetizar e até os anciãos são capazes de sonhar (cf. At.2,17; cf. Joel 3,1-5).

Achamos muitas vezes, que “*se for o senhor padre a fazê-lo é outra coisa*”. E sê-lo-á, mas para pior. Não basta, por isso, cuidar das famílias, é preciso envolver as famílias no cuidado pastoral das famílias. Depois do “*primeirear*” (tomar a iniciativa), “*envolver*” é o segundo verbo, que carateriza uma «Igreja em saída» (EG 24).

**2. Da programação de iniciativas à dimensão familiar da pastoral**

Há, de facto, um *espírito familiar*, na pastoral, quando se cuida do acolhimento, sobretudo dos mais frágeis e vulneráveis, quando se desenvolve a proximidade com todos, quando se geram laços de fraternidade e de caridade entre os fiéis, quando se acompanham as pessoas, nos seus momentos e nos eixos existenciais das suas vidas, quando se atende aos percursos pessoais e às etapas de crise e de crescimento de cada um... quando a Igreja se revela então uma “*Mãe de coração aberto*” (EG 46;47), capaz de acolher e gerar a vida, capaz de alimentar, de perdoar, de curar as feridas e de festejar cada passo, cada etapa (AL 163), da vida e da alegria do amor em família.

Fazer crescer a Paróquia, como uma “*família de famílias*”, como “*casa e escola de comunhão*” (São João Paulo II, N.M.I.43), em que todos se sintam “*como em sua casa”* (EG 199), a começar pelos mais pobres e frágeis, é talvez o desafio, que fica a montante de todas as outras atividades, que são levadas a cabo pela Pastoral Familiar.

Talvez a Pastoral Familiar não deva ser *“uma agenda de iniciativas e programações pastorais*”, “*para as famílias*”, mas a criação de um clima familiar, na vida das comunidades, em que as famílias se geram e regeneram na fé, em que crescem e frutificam no amor, num processo de geração de vida nova, em que elas mesmas se sentem protagonistas da solicitude da Igreja, por todos, e por cada um, desde o nascimento à morte (cf. J. J. Pérez-Soba). Muitas vezes sinto que a Pastoral familiar está dispersa num conjunto de iniciativas, sem horizontes, apostada em resolver problemas, em vez de os antecipar; e isto já, para não falar, por exemplo, numa certa pastoral da juventude, centrada na ocupação de tempos livres e não na tarefa de ajudar os jovens a construir um projeto de vida.

**3. Do mau momento da preparação para os sacramentos a uma oportunidade para o evangelho**

Outra dificuldade, que tomo como desafio, é a de fazer da preparação para os sacramentos, sobretudo para o batismo e matrimónio, um “*momento missionário” (Bento XVI),* uma oportunidade para o anúncio do evangelho (cf. P. Bacq - C.Theobald) e não, na ótica de quem os pede, “*um mau momento por que tenho de passar*”, ou “o *preço que tenho de pagar para ter direito aos sacramentos*”.

É preciso olhar, para quem nos bate à porta, a pedir um sacramento, não como um “*problema pastoral*”, ou mais uma “*chatice”* a enfrentar, mas como uma bênção a acolher, uma nova oportunidade para o anúncio do evangelho.

Corre-se, aliás, o risco de uma certa instrumentalização dos fiéis e dos sacramentos, quando se apresenta, como condição *sine qua non*, a realização de um “*curso de preparação*” para ser padrinho, para ser crismado, para casar… quando na verdade, não é disso que se trata, porque não há «curso» para ser marido e esposa, pai ou mãe, padrinho ou madrinha, ou mesmo para ser padre. E infelizmente nos nossos cartórios paroquiais, não faltam *padres, diáconos e secretários paroquiais* afetados pelo “*vício administrativo*”. Em vez de escutar e “tirar as medidas” para oferecer um “*fato à medida*”, prefere-se impor o “*fato pronto-a-vestir”,* que afinal fica curto nas mangas. Em vez de acolher, com alegria, estamos a exigir, sem piedade. Em vez de propor um percurso, estamos a impor um curso. Em vez de escutar a história de cada um, onde se vislumbram tantos sinais de Deus, temos a nossa narrativa depressa a debitar. Em vez de dialogarmos, de igual para igual, temos a tentação de falar “de cima da burra”, com a autoridade do nosso lugar, deixando os outros sem resposta.

Temos, pois, de agradecer aos não praticantes, aos distantes, aos dispersos, quando nos batem à porta, mesmo sem saber bem todo o alcance do que nos estão a pedir. Porque são então as ditas «periferias» a entrar-nos pela casa dentro, quando, em bom rigor, devíamos ter sido nós a sair ao seu encontro.

Fala-se hoje muito de sair ao encontro das “*periferias*”, de ir às casas das pessoas, de lhes falar ao coração, mas esquecemo-nos de acolher misericordiosamente as pessoas (Diocese do Porto, Plano Diocesano de Pastoral 2015-2020, Porto, p.31), que nos procuram e batem à porta e enfrentam a máquina burocrática ou a alfândega da paróquia, onde se fala tantas vezes um calão eclesiástico, que eles tampouco poderão compreender.

Ora *“a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigante*” (EG 47).

Isto exige, de todos, uma conversão pastoral, porque não basta protestar e dizer que as pessoas fazem da paróquia *uma estação de serviço* enquanto nós, tantas vezes, organizamos e construímos uma Igreja, segundo o modelo dos serviços públicos, com horários rígidos e taxas fixas.

Confesso-vos que eu próprio, desde o início do meu ministério paroquial, tive de me converter, para não cair no enfado ou apresentar-me, com cara de vinagre, quando me chamavam para atender alguém que não está nas “condições” exigidas para batizar ou casar ou ser padrinho. E, em vez de ficar ansioso e nervoso, com as situações mais difíceis, aprendi, pouco a pouco, a alegrar-me com cada pessoa, com cada família, com cada bebé, porque a “ovelha” voltou ao redil e temos uma boa oportunidade de conversar. E, deste modo, o incómodo das situações ditas “irregulares” transformaram-se, para mim, em “oportunidades” de diálogo e de anúncio, de proposta e de aprofundamento das motivações, de conhecimento e de acompanhamento, com toda a paciência e misericórdia.

Na verdade, a Paróquia é chamada “*a ser «a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas». Isto supõe que esteja realmente em contacto com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos*” (EG 28).

Neste âmbito da preparação para o matrimónio (e fico-me por aqui porque é por aqui que mais tenho andado), julgo necessário fazer, pelo menos, duas passagens:

*Passar dos cursos gerais e racionais*… *aos percursos pessoais, remotos e diferenciados*:

A preparação dos sacramentos tem de aparecer como uma espécie de iniciação ao sacramento do matrimónio (AL 207), ou de reiniciação à vida comunitária e ao sentido cristão da vida, de modo a não afastar os jovens do sacramento (AL 207) e a ajudar os casais, por exemplo, a ver a diferença entre a nossa proposta cristã e o rito social de integração que pretendiam simplesmente. Neste sentido, é preciso acompanhar a pastoral do acolhimento com uma pastoral da proposta cristã.

Este esforço é tanto mais necessário, quanto, muitas vezes, os sacramentos são procurados mais como “ritos” de integração na cultura e na tradição familiares do que integração na vida eclesial. É preciso, por isso “guiar” os noivos (AL 205-211), diz o Papa, em direção ao sacramento, valorizar o que já têm - e são muitas as *sementes do verbo*, na vida dos casais em situações imperfeitas (AL 76-79) e é tão belo ajudar a desvelar a presença oculta da graça na vida das pessoas – e propor o que lhes falta ainda.

“Guiar” implica, por isso, iniciação, mistagogia, companhia, acompanhamento, experiência e discernimento, integração progressiva, no respeito pelas etapas de cada um… E não pensar que é preciso uma licenciatura básica de teologia… para conceder um sacramento…

Creio que as nossas propostas de preparação para o Matrimónio, por exemplo, têm de ser revistas, quer quanto aos conteúdos, quer quanto às metodologias, para se ajustarem às reais necessidades e contextos da vida das pessoas.

Teremos de renunciar à “massificação” das propostas para os “grandes grupos” e sermos mais ousados e criativos, em respostas mais personalizadas, de modo a não excluir ninguém, simplesmente porque não temos dia, nem horário, para que possam fazer o seu próprio caminho.

*Passar da psicologia à pedagogia, do receituário psicológico a uma verdadeira pedagogia do amor*. Não caiamos no ridículo de querer «*ensinar o padre nosso ao vigário*», fazendo da preparação para o matrimónio, por exemplo, um cocktail de receitas psicologizantes, ou de idealismos impraticáveis (cf. AL 135). É preciso sobretudo desenvolver, com os noivos, e mesmo antes, com os adolescentes e jovens, uma pedagogia do amor, que os oriente para o matrimónio, e um caminho de descoberta da beleza, da alegria e das exigências do amor, sempre chamado a crescer. Penso que o Papa Francisco, na sua Exortação *Amoris Laetitia*, procura sobretudo incentivar-nos a isto: a cuidar da beleza e a fortalecer a alegria do amor em família, sabendo que este amor dá os seus passos, conhece as suas crises (cf. AL 231-232) e desilusões (cf. AL 320) e passa necessariamente por um caminho de renúncias e adaptações, não fáceis para ninguém, mas que, uma vez assumidas e vencidas, tornarão possível “*um amor reforçado, transfigurado, amadurecido, iluminado*” (AL 238).

Para esta pedagogia do amor o exemplo e apoio dos casais e das famílias é fulcral. E, na busca desta luz, para iluminar as situações, a missão da Igreja é comparável à de um farol, que projeta ao longe a esperança, ou de uma tocha, que ilumina e acompanha de perto e no concreto (cf. AL 291). Para isso, é muito mais inspirador o evangelho que qualquer psicologia ou filosofia oriental. Iluminar, na luz da Palavra de Deus, o sentido do amor, do casamento, da dor, do sofrimento, é muito necessário e nem sempre o fazemos. Devíamos ter como propósito primeiro não tanto “*dar conselhos*”, mas anunciar, em primeiro lugar, a Boa Nova do matrimónio e da família (AL 1; 58; 200-204). Diria que há que fazer “*da alegria do evangelho do matrimónio e da família a nossa missão*”.

Resumindo, menos cursos e mais percursos, menos burocracia e mais mistagogia, menos psicologia e mais pedagogia, menos moralização e mais evangelização... na preparação para o matrimónio!

**Acompanhar as pessoas**

Haveria aqui ainda lugar, para falar da dificuldade em fidelizar os casais e os pais, as famílias em geral, na vida comunitária, na catequese e na prática sacramental, para fazer frente a uma fé *a la carte*, a uma *prática subjetiva e intermitente* e a uma *relação sentimental ou epidérmica* com Cristo e a Igreja.

Há um desfasamento entre a riqueza que temos e queremos oferecer e os ritmos e interesses das pessoas, que nos procuram. Há muito desencanto e desilusão numa sementeira, quantas vezes, generosa, mas com poucos frutos, pelo menos, na nossa estação. O acompanhamento das pessoas, os caminhos de aprofundamento e de empenhamento na fé não são fáceis. Penso que não é só por efeito cultural. Sou levado a pensar que há mesmo um desajustamento entre a oferta e a procura, que nos deveria fazer pôr em questão. Também eu “*sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação*” (EG 27).

Que o Espírito Santo nos dê a coragem de, ao menos, começar… pela família, precisamente, que é de todos e para todos o nosso primeiro lugar!

**5.3. Estilo pastoral evangelizador: um novo estilo para novos contextos (**Cf. Cap. I da *Evangelii Gaudium*: A transformação missionária da Igreja)

**5.3.1. Amar a cidade: um estilo amável**

*“O Senhor ama a cidade, por ele fundada*” *(Sal.87,2)*. Ama a nossa cidade, no sentido mais personalista, em que “*as cidades têm vida e uma existência autónoma, misteriosa e profunda: as cidades têm um rosto característico, até diríamos uma alma e um destino: elas não são um amontoado casual de pedras, mas misteriosas habitações de homens e, até iria além, de certa forma as misteriosas habitações de Deus*” (G. LA PIRA, *Le cittá sono vive*, cit. CARLO MARIA MARTINI, *Levanta-te*, 22)

Na cidade, joga-se a vida das pessoas que nela vivem. Disse – e muito bem – o saudoso João Paulo II que “*uma cidade é muito mais que um território, uma área económica produtiva, uma realidade política. É, sobretudo, uma comunidade de pessoas e, em particular, de famílias com os seus filhos e os seus problemas humanos. É uma experiência humana viva, historicamente enraizada e culturalmente distinta*”.

A cidade não é apenas um facto organizacional, é uma comunidade humana, que nasce da inteligência e da vontade de encontrar um bem comum. A construção da cidade torna-se, por isso, e para todos, um imperativo moral. Para nós, cristãos, é um desafio espiritual, que pode e dever ser iluminado pelo Evangelho, sustentado pela graça, animado pela esperança da vinda do Reino. Num tempo de espalhada indiferença e de cultivada apatia e desafeição para com os problemas da cidade, por parte de muitos cidadãos, o amor de Cristo urge-nos, impele-nos a amar cada vez mais a nossa cidade.

É por isso que afirmamos: “*só o Amor guarda a cidade”* (DOM ANTÓNIO MARTO, Homilia no Dia da Cidade de Leiria 2007). Este amor não é algo de superficial e simplesmente emotivo, fruto porventura de um bairrismo provinciano. É algo de profundo e verdadeiramente empenhativo. É um sentir íntimo do coração, que se manifesta e concretiza no pensar com inteligência, no agir com determinação e dedicação, e mesmo no *rezar com paixão e compaixão* pelo bem comum da cidade. Nesta perspetiva, o amor à cidade é o segredo e a própria alma da nossa responsabilidade para com ela; é a raiz viva que inspira a coragem da participação de todos no seu desenvolvimento, que não se reduz ao mero crescimento económico ou demográfico.

Diz-nos o Papa Francisco:

**“***A nova Jerusalém, a cidade santa (cf.*Ap*21, 2-4), é a meta para onde peregrina toda a humanidade. É interessante que a revelação nos diga que a plenitude da humanidade e da história se realiza numa cidade. Precisamos de identificar a cidade a partir dum olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. A presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida. Ele vive entre os citadinos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça. Esta presença não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada. Deus não Se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam tateando, de maneira imprecisa e incerta*” (*Evangelii Gaudium* 71).

Este amor à criada suscita um estilo de amável discernimento, que nos ajuda aa ler a cidade com olhos caridosos, pacientes, cordiais.

**5.3.2. Abrir as portas, para deixar entrar quem chega: um estilo acolhedor e dialogante**

***5.3.2.1. Estilo acolhedor***

“*A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas. Assim, se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza duma porta fechada. Mas há outras portas que também não se devem fechar: todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer. Isto vale sobretudo quando se trata daquele sacramento que é a «porta»: o Batismo. A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prémio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos. Estas convicções têm também consequências pastorais, que somos chamados a considerar com prudência e audácia. Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa*” (Evangelii Gaudium 47).

Este tema do «acolhimento» é recorrente no Magistério da Igreja, quer quando se refere à celebração dos sacramentos, quer quando insiste na atitude pastoral, face àqueles que acorrem à Igreja, para lhe pedir um sacramento ou uma ajuda espiritual ou material.

A questão do acolhimento não se põe hoje à Igreja por alinhamento com o chamado «tratamento vip» ou «personalizado», segundo as regras do marketing. Este acolhimento é exigência evangélica, de sempre, que há de modelar a vida da comunidade, segundo o estilo pastoral de Jesus. Mais ainda, num tempo de grande solidão e isolamento, como é o nosso.

A este respeito, é interessante ler a Carta Pastoral, “*Testemunhas da Ternura de Deus*” (08.09-2007) sobre o acolhimento e a vocação, da autoria do Bispo de Leiria-Fátima, Dom António Marto, datada de 8.09-2007. Registemos, desde logo, no nº 2, o seu diagnóstico interessante sobre a urgência de uma pastoral do acolhimento, no contexto de uma sociedade anónima:

*“Vivemos numa sociedade que, antes de mais, quer recuperar o valor do acolhimento porque sente que a vida se torna demasiado dura e fria se não há relação verdadeira e calorosa com os outros. Pertencemos à era fascinante da comunicação global. E, todavia, hoje aumenta cada vez mais a pobreza relacional e o vazio de sentido. Vivemos num mundo que se move e transforma a grande velocidade, que privilegia o ritmo empresarial e a eficácia imediata. Somos a primeira geração do stress e do zapping, símbolos do ativismo frenético e da febre do consumismo de coisas, e de afãs tantas vezes inúteis. Não temos tempo para parar, olhar, escutar prestar atenção, acolher, cuidar do outro. Não temos tempo para Deus. Por isso a nossa sociedade encontra muita dificuldade em criar espaços, tempos, lugares e condições para o acolhimento. O acolhimento torna-se cada vez mais aleatório”.*

O Bispo, na peugada de alguns escritos pastorais do Cardeal Martini, que foi Arcebispo de Milão, refere ainda outros fenómenos, tais como «o crescente individualismo e o escasso sentido de comunidade» e «o fenómeno da mobilidade e da imigração que nos introduz numa sociedade e num tipo de convivência com diversas culturas e religiões. O estilo de vida frenético e consumista, o individualismo e a indiferença, a ambição e a avidez desenfreada, a cultura mercantilista produzem o drama moderno da incomunicabilidade, do anonimato, da solidão existencial. Por vezes temos a sensação de vivermos num “arquipélago de solidões” em que cada um se sente uma ilha no meio de muita gente, estranho ao outro e, por fim, estranho a si mesmo», diz.

Cremos que este diagnóstico está muito bem feito e coloca-nos o desafio de criar uma cultura da ternura e do acolhimento, da comunhão e da solidariedade, como alternativa à anticultura do egoísmo, da indiferença, da dureza e da frieza de relações, da divisão e da violência.

Mas devemos começar por nos interrogar a nós mesmos: qual a qualidade do nosso acolhimento nas relações interpessoais, na nossa comunidade cristã? Pois há muito quem acuse a Igreja, de ter um acolhimento muito frio, formatado e institucional, pouco recetivo às pessoas concretas nas suas circunstâncias próprias.

Diz o referido Bispo, na referida Carta Pastoral, sobre o Acolhimento:

“*A Igreja, porque é habitada pelo Espírito de Jesus – que é Espírito de caridade e comunhão – é pois, por natureza e vocação, “casa e escola” de acolhimento cristão. Não é, então, possível imaginar o acolhimento como uma prótese, um suplemento das comunidades cristãs delegado a alguns “especialistas” ou profissionais de relações públicas.* ***Toda a pessoa é um apelo que pede para ser acolhida e escutada****. O acolhimento é como um livro aberto onde cada um de nós pode ler que também à sua vida, tão cheia de coisas, falta o “único necessário”, que é a capacidade de relação, de partilha, de amor, de dedicação, e vocação ao serviço dos outros. Na atitude de acolhimento e em comunidades acolhedoras é onde a nossa civilização encontrará os novos “poços de Jacob” para saciar a sua sede, abrigar-se do calor abrasador, receber o dom da vida verdadeira. É aqui que muitos homens e mulheres encontrarão remédio para a solidão. A pastoral do acolhimento é pois um elemento constitutivo e básico da Igreja que revela o coração de Cristo cheio de ternura, misericórdia e esperança. O acolhimento deve dar uma alma e um pouco de coração, de afeto e calor humano às relações, à vida e às estruturas de cada comunidade. Assim, apresentamos algumas pistas de ação a serem refletidas em cada comunidade, para um exame de consciência e iniciativas pastorais concretas*” (n.4).

No espaço do cartório paroquial, é fácil adivinhar-se a pertinência deste tema e a sua urgência, tendo em conta a fortíssima sensibilidade das pessoas hoje ao modo como são recebidas e tratadas. Pelo que importa fazer uma abordagem séria a esta temática, para uma resposta mais adequada e mais evangélica.

Alguns perguntarão: Acolher os pedidos, sem mais, não transformará a ação pastoral numa lógica de bilheteira e a paróquia numa estação de serviço? Não esquecer, porém, que as pessoas que vêm pedir um sacramento à Igreja conferem a esta um peso simbólico, que tem sentido para elas.

É preciso passar de uma pastoral de enquadramento e transmissão ou reprodução (pastoral da cristandade), a uma pastoral de **gestação, de proposta, de experiência e testemunho**. Sem o testemunho vive-se na conquista. Só com o testemunho se permite o acesso à fé, graças à presença de um outro crente, de uma ou várias testemunhas.

A Igreja deverá aparecer, não como instituição perene, depositária de verdades, mas acontecimento que reúne os homens em nome de Cristo.

É um erro pensar que os pedidos dos sacramentos estão baseados apenas em motivos sociológicos e que, por isso, não têm nenhum valor.

Há, com certeza, uma diferença entre a motivação dos que pedem os sacramentos e as expetativas dos agentes pastorais, mas seria simplista ver nisso uma simples questão de diferença na intensidade da fé, como se de um lado estivessem os que têm uma fé sólida, refletida e equilibrada e do outro os que teriam uma fé imprecisa, pouco aprofundada, próxima da superstição ou da conveniência social. Os que pedem o batismo, para proteger o filho não têm necessariamente uma fé menor do que a do agente pastoral ou do pároco, mas ela é então vivida e expressa de forma diferente. Lembremo-nos que o Evangelho não nos coloca a todos dentro da mesma forma, mas gera-nos para a vida de Deus, naquilo que nós temos de único e pessoal.

***Que fazer, perante este cenário, em que a Igreja parece ter perdido o controlo da situação e se transforma numa estação de serviço?***

1. *Uma pastoral a la carte?!* Dar segundo o desejo de quem pede… com motivação profunda ou sem ela! Será uma solução?!
2. *Recusar, em nome do baixo ou nulo indício de fé!* Mas então como medir a fé? Com que critérios se pode decidir quem tem fé suficiente ou não, para celebrar o sacramento? Por exemplo, no matrimónio, a recusa em nome da fé implicaria graves riscos de pronunciar juízos não suficientemente fundados e discriminatórios. A recusa do sacramento não poderá ser motivo de escândalo, para cristãos que precisamente se caraterizam pela fragilidade da sua ligação à comunidade eclesial?!
3. *Aceitar, pondo várias condições de preparação para o sacramento.* A condição *sine qua non* pode aparecer como autoritarismo injustificado, como pedido formal, como “*mau momento*” por que se tem de passar para se obter o que se deseja. Muitas vezes os pais ou casais «entram no jogo», aceitam as regras, mas não aderem, vivendo-se então uma situação de hipocrisia…quer dos requerentes quer dos agentes pastorais. É verdade que as reuniões de preparação para o batismo e matrimónio são fonte de muita desilusão. Elas podem ser úteis para o debate, para a consciencialização, mas quando não se está disposto a dar o passo necessário farão algum sentido?!
4. *Outras pistas:* *Acompanhar a pastoral de acolhimento com uma pastoral de proposta, de modo a estabelecer a diferença entre a proposta cristã e o rito social de integração, que deseja*. Não se trata de negar o valor desse rito, nem de recusar o sacramento, mas antes fazer a proposta de um passo adiante. Isso significa que não se trata de acolher passivamente o pedido, mas ter uma atitude proactiva, tomando a iniciativa de propor algo mais. Não se trata pois de pôr *condições de acesso*, mas de propor caminhos de aprofundamento e de empenhamento da fé. Esta pastoral da proposta exige um diálogo pastoral, que é feito de acolhimento e interpelação. O diálogo pastoral não está inquinado quando, à partida, o interlocutor está diante de alguém que lhe aparece como “superior”… de modo que não há verdadeira paridade nem recetividade no diálogo?!

***5.3.2.2.* Estilo dialogante**

*“A Igreja é chamada a* ***ser servidora dum diálogo difícil.*** *Enquanto há citadinos que conseguem os meios adequados para o desenvolvimento da vida pessoal e familiar, muitíssimos são também os «não-citadinos», os «meio-citadinos» ou os «resíduos urbanos». A cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente, porque, ao mesmo tempo que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades, interpõe também numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida de muitos. Esta contradição provoca sofrimentos lancinantes. Em muitas partes do mundo, as cidades são cenário de protestos em massa, onde milhares de habitantes reclamam liberdade, participação, justiça e várias reivindicações que, se não forem adequadamente interpretadas, nem pela força poderão ser silenciadas*” (*Evangelii Gaudium* 74).

Muitas vezes as pessoas que vêm pedir o sacramento estão longe de lhes conferir o sentido teológico que a Igreja lhes oferece. Como respeitar as suas expetativas, sem pôr a saldo o mistério da fé? Eis uma questão pastoral, de grande relevância.

O diálogo pastoral não devia fazer-se no pressuposto de que estão *de um lado* os que sabem *e de outro* os que não sabem nada! E se nós (agentes pastorais) nos puséssemos à escuta do outro e nos convertêssemos ao outro, deixando-nos também interpelar e enriquecer?!

No diálogo entre agentes pastorais e os que pedem os sacramentos é preciso passar da lógica do frente a frente, à lógica do caminhar juntos. É preciso centrar-se mais na pessoa que faz o pedido, do que no pedido feito. É preciso que o discernimento seja feito em comum.

Todo aquele que procura um sentido, por muito afastado que esteja da fé e da vida cristã, é animado pelo Espírito e pode contribuir para gerar a Igreja para a novidade do dom de Deus, que trabalha o nosso mundo. É preciso descobrir na vida dos não praticantes e dos afastados sinais do Espírito em ação, vestígios do mistério desse Deus que nos precede.

No diálogo pastoral, não se pode esperar que os requerentes dos sacramentos falem o nosso calão eclesial. A sua gramática de Deus é outra. E, em rigor, o acesso direto àquilo que habita as pessoas, para além das suas palavras, permanece barrado. Nós não podemos escapar à materialidade da linguagem. Teremos de nos aproximar com empatia e solicitude. Estarmos mais atentos ao mistério do outro, do que prontos a avaliá-lo.

Há que passar do diálogo dialético (confrontação crítica de posições diferentes) ao diálogo dialogal, em que ambos os interlocutores se reconhecem iguais, renunciando cada um a exercer o poder sobre o outro. O diálogo dialético erra o alvo e fica preso a poderes de argumentação racional. É preciso que o agente pastoral cuide por que o seu estatuto na instituição não o coloque superiormente acima do outro. Importa estar recetivo a aprender de quem nos pede e interpela, para fazer um discernimento com os requerente e não por eles. Responsáveis pastorais e requerentes poderiam descobrir juntos novos significados para os ritos que celebrarão em comum (cf. PHILIPPE BACQ-CHRISTOPH THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o evangelho*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013).

**5.3.3. Abrir as portas, para ir, partir, sair ao encontro das periferias - (estilo missionário de uma Igreja «em saída»);**

“*Encontramo-nos perante uma situação completamente oposta àquela que é evocada na parábola do pastor, que tinha 99 ovelhas no curral, e foi buscar a que se perdeu: hoje temos uma no curral, e 99 que nós não vamos buscar! A opção básica da Igreja, atualmente, é sair para a rua, à procura das pessoas, conhecê-las pelo seu nome! (…)* ” (FRANCESA AMBROGETTO - SERGIO RUBIN, Papa Francisco, Conversas com Jorge Bergoglio, Ed. Paulinas 2013, 77-78)

Diz-nos o Papa Francisco:

“A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «*primeireiam*», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam.

*a) Primeireiam* – desculpai o neologismo –, **tomam a iniciativa**! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. *1 Jo* 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa!

b) Como consequência, a Igreja sabe «**envolver-se**». Jesus lavou os pés aos seus discípulos. O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: «Sereis felizes se o puserdes em prática» (*Jo* 13, 17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o «cheiro de ovelha», e estas escutam a sua voz.

c) Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a «**acompanhar**». Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações.

d) Fiel ao dom do Senhor, sabe também «***frutificar****»*. A comunidade evangelizadora mantém-se atenta aos frutos, porque o Senhor a quer fecunda. Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio. O semeador, quando vê surgir o joio no meio do trigo, não tem reações lastimosas ou alarmistas. Encontra o modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos.

e) Por fim, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre «**festejar**»: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar” (*Evangelii Gaudium,* 24).

“A Igreja «em saída» é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade” (*Evangelii Gaudium,* 46).

*“Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de come*r» (*Mc* 6, 37)” *(Evangelii Gaudium 49)*.

“Temos de falar com estas pessoas da cidade que vemos nas suas varandas. Temos de abandonar as nossas cascas e dizer-lhes que Jesus vive, que Jesus vive para cada um de nós, afirmando-o com alegria ... mesmo que às vezes nos assemelhemos a loucos. A mensagem do Evangelho é loucura, diz São Paulo. Nem toda a nossa vida chegaria para nos dedicarmos a esta tarefa e anunciar que Jesus está a restaurar a vida. Temos de semear a esperança, de sair às ruas. Temos de começar. Tal como a dona Rosa, quantos velhos vivem vidas tristes, sem muitas vezes terem dinheiro para comprar remédios. A quantas crianças estamos a meter na cabeça ideias que nós recebemos como grandes novidades, mas que, na Europa e nos Estados Unidos, foram atiradas para o lixo há mais de dez anos, e consideramos isso um grande progresso educativo. Quantos jovens vivem as suas vidas atordoados com as drogas e o barulho porque não encontram um sentido, porque ninguém lhes disse que havia algo grandioso. Quantos nostálgicos também há nas nossas cidades que precisam de saborear copo atrás de copo até se esquecerem. Quantas pessoas boas, mas vaidosas, que vivem das aparências, correm o perigo de cair na soberba e no orgulho. E nós, vamos ficar em casa? Vamos fechar-nos na paróquia? Vamos ficar no cemitério paroquial ou nas escolas, nas instituições eclesiásticas? Quando toda a gente nos espera?! As pessoas da nossa cidade! Uma cidade que tem reservas religiosas e culturais, uma cidade preciosa, bela, mas que está tentada por Satanás. Não podemos ficar sós, não nos podemos limitar à paróquia ou à escola. Saiam à rua! A educar, a procurar, a bater às portas. A bater aos corações. “*Vamos mesmo ficar em casa? Vamos fechar-nos na paróquia, quando toda a gente nos espera?! Saiam à rua, a educar, a procurar, a bater às portas, a bater aos corações. A primeira coisa que a Virgem Maria fez, quando recebeu a Boa Nova, no seu sonho, foi* ***sair a correr*** *servindo o Senhor.* ***Saiamos também*** *a correr, para prestar o serviço de dar a conhecer aos outros a Boa Nova em que acreditamos*” (JORGE BERGOGLIO - PAPA FRANCISCO, *O verdadeiro poder é servir*, Ed. Nascente 2013, 22.24).

**5.3.4. Uma Igreja pobre para os pobres (EG 48; 197-201; Mensagem para a Quaresma e Dia Mundial da Juventude 2014)**

“Se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há de **chegar a todos, sem exceção**. Mas, a quem deveria privilegiar? (…) Hoje e sempre, «***os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho***», e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos” *(Evangelii Gaudium*, 48).

“*Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus «manifesta a sua misericórdia antes de mais» a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem «os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus» (*Fl*2, 5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma*opção pelos pobres*, entendida como uma «forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja*» *(Evangelii Gaudium*, 198).

Curiosamente, quer a Mensagem para Quaresma quer a Mensagem para o Dia Mundial da Juventude, do Papa Francisco, para este ano de 2014, estão centradas na temática da relação entre pobreza e evangelização.

**VI. Todos evangelizados, todos evangelizadores**

Nós estamos convictos de que o Espírito está em ação, tanto no evangelizador como no evangelizado. E que a evangelização não é tarefas de especialistas, mas obra de todos, para todos:

“*Que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe deem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários». Se não estivermos convencidos disto, olhemos para os primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: «Encontrámos o Messias» (Jo 1, 41). A Samaritana, logo que terminou o seu diálogo com Jesus, tornou-se missionária, e muitos samaritanos acreditaram em Jesus «devido às palavras da mulher» (Jo 4, 39). Também São Paulo, depois do seu encontro com Jesus Cristo, «começou imediatamente a proclamar (…) que Jesus era o Filho de Deus» (At 9, 20).* ***Porque esperamos nós*”** (*Evangelii Gaudium* 120)?

Acolher com ternura, dialogar com paciência, sair para a rua, ir ao encontro dos mais pobres, propor a todos com entusiasmo, acompanhar cada um com percursos diferenciados, é o caminho de uma pastoral da gestão, capaz de proporcionar às pessoas a possibilidade de nascer de novo.

**VII. A Paróquia, uma alma no coração da Cidade**

Estamos profundamente convictos de que não há qualidade de vida, sem vida espiritual de qualidade. E é, precisamente, nesse sentido, que a Paróquia se quer colocar, no coração da cidade, como “*fonte*” de unidade e de vitalidade espiritual. Deve ser e aparecer, no coração da cidade, como seu oásis espiritual, como instância de sentido e de esperança, para a vida de todas as pessoas, que nela habitam. E é importante que a sua vida seja bem divulgada, mais conhecida. Aperfeiçoemos o modo de comunicação. A Paróquia continuará, no coração da cidade, a dar-lhe alma, a oferecer aos seus habitantes a Palavra e os Sacramentos da Vida, a alegria e o testemunho da caridade divina, o culto e a cultura, capazes de amparar as pessoas, no seu caminho para Deus, na sua busca da beleza e da felicidade.

“*A paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade. Embora não seja certamente a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e adaptar constantemente, continuará a ser «a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas». Isto supõe que esteja realmente em* ***contacto com as famílias e com a vida do povo****, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas,* ***nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos****. A paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração. Através de todas as suas atividades, a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização. É comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário. Temos, porém, de reconhecer que o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não deu suficientemente fruto, tornando-se ainda mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de viva comunhão e participação e orientando-se completamente para a missão*” (*Evangelii Gaudium* 28).

Diz o último livro da Bíblia, que “*no meio da praça da cidade, se encontra uma árvore de vida, que dá doze colheitas e produz frutos todos os meses: as folhas da árvore servem para curar as nações*” (Ap.22,2).

A Igreja é como essa árvore, que dá fruto, ou essa árvore frondosa, em que os passarinhos podem construir o seu ninho, mesmo que depois queiram voltar a voar mas é, precisamente, o lugar onde se pode pousar, por um certo tempo.

Queremos, pois, que encontrem poiso nesta árvore da Igreja, todos os que procuram um oásis de vida e de paz, uma estrela que os norteie, na difícil travessia da cidade.

Que queremos fazer da nossa paróquia? Um grupo de eleitos que olham para si mesmos ou uma alma na cidade (Ap.22.2) ou um centro missionário? (Evangelii Gaudium 28) que dá alma à cidade?

**Alguns exemplos:**

1. Igrejas domesticas
2. Pequenos grupos de oração / lectio divina
3. Convívios
4. Eucaristia / Ágape
5. Visita aos pobres e rede social
6. Visita aos doentes
7. Site e redes sociais
8. Cultura
9. Parcerias
10. Publicações
11. Horários de secretaria
12. Catequese desescolarizada
13. Percursos personalizados – calendários em constante reelaboração
14. Beleza da liturgia – cuidado pastoral por ocasião da morte
15. Visita Pascal
16. Exposições

**Bibliografia:**

A.A.V.V., *Francesco. Evangelii Gaudium. Testo integral e comento de «La Civiltà Cattolica»*, Ed. Ancora, Milão 2014.

A.A.V.V., *La alegría del evangelio. Claves y propuestas para la comunidade evangelizadora*, Ed. PPC, Madrid, 2014

ALBERTO COZZI – ROBERTO REPOLE – GIANNINO PIANA, *Papa Francisco. Que Teologia*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2017

ALPHONSE BORRAS E GILLES ROUTHIER, *A nova Paróquia*, Ed. Gráfica de Coimbra 2, Coimbra 2010

AMARO GONÇALO, *Um convite a Paulo. Fica em minha casa*, Ed. Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar, Porto, 2008

ANTÓNIO SÉRGIO TORRES, *Pastoral familiar: levantar-se em cada manhã com as famílias*, in *Theologica*, 2ª série, 41, 1 (2006), 97-118

BENTO XVI*, Discurso durante o encontro com os sacerdotes da diocese de Albano (ITÁLIA), 31-08-2006*

BENTO XVI, *Encíclica Deus Caritas est*, Ed. Paulinas Prior Velho 2006

BENTO XVI, *Homilia na Avenida dos Aliados, Porto, 14.05.2010*

BENTO XVI, *Homilia para a celebração eucarística para a inauguração solene da Assembleia XIII Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos,* Roma, 7 de outubro de 2012.

CARDEAL CARLO MARIA MARTINI*, Levanta-te e vai a Nínive, a grande cidade. Carta sobre a evangelização das grandes cidades, Ed. Loyola, São Paulo 1992*

COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, *Reflexões sobre a Exortação Apostólica Evangelii Gaudium do Papa Francisco*, Moscavide 2914 (documento em pdf)

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (CEP), Carta Pastoral “*A Família, esperança da Igreja e do mundo”,* Fátima, 31 de maio de 2004

DENIS VILLEPELET, *A proposta da fé em contexto de crise de transmissão. O futuro da catequese europeia*, col. Ferramentas Catequéticas, Ed. SEDCIA, Porto, 2005

DIOCESE DE ANGRA*, Orientações Diocesanas de Pastoral. Da alegria do Evangelho à saída missionária da Igreja*, Açores 2014

DIOCESE DO PORTO,*Plano Diocesano de Pastoral 2016-2017*, Porto, 2016

DIOCESE DO PORTO,*Plano Diocesano de Pastoral, para o quinquénio 2015/2020*, Porto, 2015

DOM ANTÓNIO MARTO, *Carta Pastoral* “*Testemunhas da Ternura de Deus*”, Leiria-Fátima, 8.09.2007.

DOM ANTÓNIO MARTO, *Homilia no Dia da Cidade de Leiria*, 22.05.2007

ENZO BIANCHI E RENATO CORTI, *A Paróquia*, Edições, Prior Velho 2006

FRANCESA AMBROGETTO - SERGIO RUBIN, *Papa Francisco, Conversas com Jorge Bergoglio*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2013

JUAN JOSÉ PÉREZ-SOBA, L*a pastoral familiar. Entre programaciones pastorales y generación de una vida*, Ed. BAC Popular, Madrid 2014

*Lineamenta (2.02.2011); Instrumentum Laboris (19.06.2012); Mensagem ao Povo de Deus (26.10.2012);*

PAPA FRANCISCO, *A alegria do amor.* Exortação Apostólica Amoris Laetitiae, Ed. Paulinas – Secretaria Geral do Episcopado, Prior Velho, 2016

PAPA FRANCISCO, *A alegria do evangelho. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, Ed. Paulinas-Secretaria Geral do Episcopado, 2013

PAPA FRANCISCO**,** Bula «*Misericordiae vultus*» (O rosto da misericórdia), na proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 11.04.2015

PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013

PAPA FRANCISCO*, Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude* 2014, 21.01.2014

PAPA FRANCISCO-PADRE ANTONIO SPADARO, *A Esperança. A entrevista exclusiva ao Papa Francisco*, Col. Diálogos de fé, Paulus Editora-Cofina Media-Edição Glaciar, janeiro de 2014;

PAPA FRANCISCO-PADRE ANTONIO SPADARO, *Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora*. *A entrevista exclusiva do Papa Francisco ao Padre António Spadaro,* Ed. Paulus – A.O. 2013; cf. *Revista Brotéria*, agosto-setembro 2013; ou ainda cf. http://www.broteria.pt/component/content/article/101-entrevista-exclusiva-do-papa-francisco-as-revistas-dos-jesuitas

PAULO VI, Ex. Ap. *Evangelii Nuntiandi*, Ed. A.O. 6ª ed, A.O., Braga 1983 (EN)

PHILIPPE BACQ-CHRISTOPH THEOBALD, *Uma nova oportunidade do evangelho*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013

PHILIPPE BACQ-CHRISTOPH THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o evangelho*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013

RINO FISICHELLA, *A nova evangelização. Um desafio para sair da indiferença*, Ed. Paulus, Lisboa 2012

SÃO JOÃO PAULO II, Carta Ap. *Redemptoris Missio*, Ed. Paulistas, Lisboa 1991 (RMi)

São João Paulo II, Carta Apostólica «*Novo Millennio ineunte*» (No início do novo milénio), no termo do Grande Jubileu do Ano 2000, 06.01.2001

SÃO JOÃO PAULO II, Ex. Ap. *Catechesi Tradendae*, Ed. A.O. 4ª ed., Braga 1982 (CT)

SÃO JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” (22.11.1981), Ed. A.O. 1982

SÃO JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica Chrstifideles Laici* (30.12.1988)

VÍCTOR MANUEL GERNANDEZ-PAOLO RODARI, *A revolução suave do Papa Francisco*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2014

WALTER KASPER, O *evangelho da família*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2014

XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS 7-28 DE OUTUBRO DE 2012,